



GT 79. Sexo e o Dom: Etnografias das trocas afetivo-sexuais/comerciais

Coordenador(es):

Thaddeus Gregory Blanchette (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Adriana Gracia Piscitelli (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Ana Paula da Silva (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Existe uma ambiguidade fundamental que se encontra na base das relações heterossexuais normativas engendradas, que revela-se na suposta natureza antagônica das trocas comerciais afetivo- sexuais e as relações afetivo- sexuais baseadas na reciprocidade. Nas culturas ocidentais em geral, essas duas formas de relações afetivo- sexuais tendem a ser entendidas como completamente diferentes e/ou separadas umas das outras (a teoria das “esferas separadas”), ou são configuradas como duas manifestações do mesmo fenômeno básico (a teoria “nada é diferente”). Como Viviane Zelizer aponta, porém, na vida vivida, a interação entre elas é complexa e ambígua. Nesse tipo de relação humana, onde as lógicas econômicas coincidem, se misturam, e até se co-constituem com lógicas morais e afetivas (e vice-versa), mas onde a prostituição e o amor são hegemonicamente entendidos como esferas separadas contraditórias, o “Ensaio Sobre o Dom”, de Marcel Mauss revela-se como valiosa contribuição para entender as (in)diferenças entre as várias formas de labuta/troca sexual e emocional. Nosso GT vai contemplar etnografias que exploram as complexidades e ambiguidades das trocas sexuais/afetivas, buscando desconstruir os dois modelos acima descritos. Preferencialmente daremos destaque para os trabalhos que situam essas trocas como fatos sociais totais dentro de cenários mais amplas de ação e valores, ilustrando a dialética entre a agência humana e as estruturas socioculturais em que essa é embutida.

Subjetividades sexuadas: configurações sexo-afetivas de mulheres heterossexuais, urbanas, de classe média do Recife. (pesquisa em andamento)

Autoria: Adriana Ledezma Blanchart (upfe)

Desde uma perspectiva feminista e mobilizando elementos chaves da analítica queer (Butler, 1999, Preciado, 2008, de Lauretis, 1985) pretende-se realizar uma pesquisa das dinâmicas de poder e de significado das relações sexo-afetivas de um grupo representativo de mulheres heterossexuais da classe média, urbana, do Recife. À partir de uma série de entrevistas semi-estruturadas a um total de 7 até 9 participantes de 25 à 35 anos, se aprofundará na experiência de gênero dessas mulheres. A cis-heterossexualidade será assim entendida como uma categoria social indissociável dos processos políticos da ordem cultural ocidental, e se buscará conhecer como é que ela molda suas vivências, projetos pessoais e laços sociais. Por outro lado, tendo em conta as reivindicações feministas da segunda onda sobre uma sexualidade ?livre?, considera-se que a sexualidade feminina encontra-se ainda inscrita de maneira complexa, nas polarizações morais da boa mulher/ má mulher, reproduzidas nas figuras da mãe/virgem de um lado e a figura da puta pelo outro, as quais complexificam-se ainda mais nas dinâmicas de consumo das nossas sociedades neoliberais. Deste modo, entendemos nesta análise a chamada revolução sexual como um dos diversos discursos sobre a sexualidade feminina que informa a formação do sujeito mulher. Dentro dessa narrativa, se considera que à partir da segunda metade do século, ocorre no ocidente uma mudança radical dos valores morais. Do estrito controle da sexualidade feminina, a revolução sexual deu um passo à uma sexualidade feminina denominada livre e omnipresente nas identidades genéricas, especialmente na moda e no ideal da beleza feminina. Nesse



sentido, ela está o tempo todo em competição com outras narrativas sobre a conduta sexual das mulheres. (FOUCAULT, 1996; PARKER, 1998). Meu argumento é de que as mulheres heterossexuais da classe média do Recife constroem ativamente uma subjetividade sexual permeada por esta lógica de feminilidade, que é por sua vez constantemente vigiada e controlada (FOUCAULT, 1996) dentro das lógicas específicas da sociedade brasileira local e informada pelos privilégios de classe nesta mesma lógica. À partir das narrativas de mulheres jovens, heterossexuais, urbanas, de classe média, busco compreender como estes elementos se entrelaçam e informam as experiências e os ideais que direcionam os seus relacionamentos com os seus amantes homens e as suas consequências sociais, onde informados pela analítica queer, definimos ?gênero? como um efeito do discurso, e o ?sexo? como um efeito do gênero. Em consequência, o gênero e a sexualidade constituem um ?processo de estruturação de subjetividade em vez de uma estrutura de relações fixas?. (MORRIS, 1995, p. 568)

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: